

AQUISIÇÃO DE PREPOSIÇÕES DESACOMPANHADAS POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rosi Ana GRÉGIS

Universidade Feevale

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar a aquisição das preposições desacompanhadas em contextos interrogativos da língua inglesa, por falantes adultos, falantes de português brasileiro. A partir dos resultados de pesquisas como as de Quintero (1992) e de Barros da Silva (2002), formulamos um questionário para testar o conhecimento do uso das preposições desacompanhadas. Esse questionário foi aplicado em duas escolas de inglês de Porto Alegre, e noventa e três alunos, separados em três níveis de conhecimento (básico, intermediário e avançado), responderam a atividade. Nossa pesquisa mostra que os aprendizes brasileiros aumentam a frequência do uso das preposições desacompanhadas à medida que adquirem mais conhecimentos de inglês. Entretanto, muitos deles apagam as preposições em interrogativas, mesmo no nível avançado.

Palavras-chave: preposições desacompanhadas; aquisição de língua estrangeira; transferência; estratégias de aprendizagem, apagamento de preposição.

ACQUISITION OF STRANDED PREPOSITIONS BY SPEAKERS OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: The aim of this work is to study the acquisition of stranded prepositions in interrogatives by adult learners whose first language is Brazilian Portuguese. After results of previous researches by Quintero (1992) and Barros da Silva (2002), a questionnaire was designed to test the students' knowledge of the use of stranded prepositions. That questionnaire was applied in two English schools in Porto Alegre, and ninety-three pupils from three different levels of proficiency (basic, intermediate and advanced) answered it. The results of our study show that the progress of Brazilian learners is accompanied by an increase in their use of stranded prepositions. However, many students still omit prepositions in questions, even on the advanced level.

Key words: stranded prepositions; second language acquisition; transfer, learning strategies; preposition deletion

ADQUISICIÓN DE LAS PREPOSICIONES AL FINAL DE FRASES POR HABLANTES DE PORTUGUÉS BRASILEÑO

Resumen: El objetivo del presente trabajo es estudiar la adquisición de las preposiciones al final de frases interrogativas de la lengua inglesa por aprendices adultos, hablantes de portugués brasileño. A partir de los resultados de investigaciones como las de Quintero (1992) y de Barros da Silva (2002), formulamos un cuestionario para testar el conocimiento del uso de esas preposiciones. El cuestionario fue aplicado a noventa y tres alumnos de dos cursos libres de inglés en Porto Alegre, divididos en tres niveles de conocimiento (básico, intermedio y avanzado). La investigación demuestra que los aprendices brasileños aumentan la frecuencia del uso de las preposiciones al final de las frases interrogativas, a medida que adquieren más consciencia de la lengua meta. Sin embargo, muchos se las olvidan, aunque estén en un nivel avanzado.

Palabras clave: preposition stranding; adquisición de lengua extranjera; transferencia; estrategias de aprendizaje, apagamiento de preposición.

INTRODUÇÃO

Uma das características mais interessantes sobre o fenômeno das Preposições Desacompanhadas (PDs) – Stranded Prepositions (SPs) – é a sua raridade entre as línguas naturais. Esse tipo de construção, possível em línguas como o inglês e o holandês, ocorre quando a preposição (P) fica separada do sintagma nominal (SN) a que rege, normalmente no final da sentença. Na maioria das línguas naturais, incluindo o português, esse tipo de construção não acontece, pois a preposição deve sempre acompanhar um sintagma nominal.

Talvez pelo fato de não haver nenhuma construção semelhante em nossa língua, há bastante dificuldade no processo de aquisição das PDs por aprendizes que estudam inglês como segunda língua. A partir de nossa pesquisa, e de estudos anteriores sobre essas estruturas, como os de Quintero (1992), Hornstein e Weinberg (1981), Klein (1995) e Barros da Silva (2002), talvez possamos entender mais claramente algumas particularidades da aquisição do inglês como L2, principalmente no que se refere à aquisição das PDs.

1. PREPOSIÇÕES: DEFINIÇÃO E PROPRIEDADES

Aprendizes de inglês como segunda língua costumam ter dificuldade com o uso de preposições. Até mesmo alunos de níveis mais avançados têm problemas com seu uso. Além

de haver muitas variações na maneira como falantes nativos as utilizam, muitas vezes a mesma preposição assume papéis diferentes, como expressar posse, marcar o objeto indireto, o agente da passiva, etc.

Na língua inglesa, as preposições não são afixos inflexionais como em outras línguas; elas são consideradas morfemas livres que introduzem os sintagmas preposicionais (SPs). Na maioria das vezes, seu complemento é um sintagma nominal e, por isso, funcionam como instrumentos que conectam os SNs a outras estruturas presentes na oração. Como então é a forma de um sintagma preposicional? Podemos sintetizá-la, afirmando que um SP é realizado por uma preposição e seu objeto, que na maioria das vezes é um sintagma nominal. Sua forma pode ser caracterizada da maneira a seguir: $SP \rightarrow P \text{ SN}$ (em que P é o núcleo dessa categoria sintagmática.)

Dessa forma, a preposição é sempre a primeira palavra no sintagma preposicional. Em inglês, diferentemente da maioria das línguas naturais, há casos em que as preposições podem ser separadas de seu complemento e deixadas no final de perguntas, como no exemplo a seguir:

(1) Who(m) are you dancing with? (Com quem você está dançando?)

Lembramos que, em português, não poderíamos traduzir a oração acima com a preposição abandonada no final da oração:

(2) *Quem você está dançando com?

Como dito anteriormente, as preposições em inglês diferenciam-se das preposições em português pelo fato de poderem ser usadas tanto como morfemas livres quanto como morfemas presos. No primeiro caso lhes é atribuído um significado que não depende dos termos que as precedem ou que as seguem; e no último caso, ao contrário, costumam ter um sentido que depende das palavras e do contexto no qual se encontram. Considere os exemplos abaixo:

(3) She will go with one of the kids. (*with*: livre) (Ela irá com uma das crianças.)

(4) Does Julia really want to part with that money? (*with*: preso) (A Julia realmente quer desfazer-se daquele dinheiro?)

(5) Gregory was born in November. (*in*: livre) (Gregory nasceu em novembro.)

(6) Theo confided in him blindly. (*in*: preso) (Theo confiou nele cegamente.)

Muitas gramáticas referem-se às preposições presas, isto é, quando são exigidas como propriedade particular do verbo, como “partículas adverbiais”, ou simplesmente partículas. Estas partículas podem ser tanto preposições como advérbios e, junto com o verbo, possuem sentido único, como *look for* (procurar) ou *break in* (arrombar).

As preposições desacompanhadas são sempre seguidas por seu complemento. Esse tipo de preposição é encontrado principalmente em contextos interrogativos, orações relativas e voz passiva. Vejamos alguns exemplos a seguir:

(7) What more could a woman ask for? (O que mais uma mulher poderia pedir?)

(8) The man you screamed at is my neighbor. (O homem com quem você gritou é o meu vizinho.) (Biber, 1999, p.105)

Falando e escrevendo enunciados como os citados acima, os falantes de língua inglesa desobedecem as regras impostas pela maioria dos gramáticos prescritivos, que ainda consideram de menor prestígio as sentenças com SDs. Assim, tradicionalmente, as construções com PDs são muitas vezes consideradas “menos gramaticais”, e alguns gramáticos podem sugerir que optemos por outras alternativas, tais como:

(09) Why did you say that? (Por que você disse aquilo?) ao invés de:

(10) What did you say that for? (Para que você disse aquilo?)

No caso das orações relativas, há normalmente duas posições para as preposições, sendo a posição final considerada menos formal:

(11) That is the flat in which she lives. (Este é o apartamento no qual ela mora.)

(12) That is the flat which she lives in. (Biber, 1999, p. 105)

Segundo Biber (1999), em sua “Grammar of Spoken and Written English”, as preposições desacompanhadas variam muito no seu potencial de uso. Como resultado de suas pesquisas, ele conclui que preposições como *about* (sobre, acerca de), *after* (após), *at* (em, à), *by* (de), *for* (para, por), *from* (de), *in* (em), *like* (como), *of* (de), *on* (em cima), *to* (para), e *with* (com) são mais comumente separadas de seus complementos. As formas tipicamente usadas como preposições desacompanhadas são geralmente as que estão fortemente ligadas à palavra que as precede, tais como as que fazem parte de um “verbo preposicional”, isto é, verbos que exigem preposição para expressar a relação entre o verbo e o nome: *confide in* (confiar em); *rely on* (depende de; contar com); *part with* (desfazer-se de), etc.

Os estudos de Biber confirmam o ponto de vista dos gramáticos descritivos, que consideram o uso de preposições seguidas de sintagmas WH mais formal e mais adequado principalmente à língua escrita culta. Para eles, a escolha desse tipo de construção é claramente uma escolha minoritária. Na verdade, quando essa estrutura ocorre, o sintagma preposicional é geralmente adverbial e bastante independente em relação ao verbo. Conforme o autor, quando há alternativa entre usar a preposição antes da pergunta WH ou usá-la como uma preposição desacompanhada, os falantes nativos preferem a segunda opção, exceto quando a situação for muito formal:

(13) Who are they talking about? (Sobre quem eles estão falando?)
ao invés de: About whom are they talking?

(14) What is he looking at? (O que ele está olhando?)
ao invés de: At what is he looking? (Biber, 1999, p. 105)

Em muitos casos, entretanto, não há possibilidade de usarmos as preposições desacompanhadas:

(15) To what extent can the taxes be reduced? (Até que ponto os impostos podem ser reduzidos?) *What extent can the taxes be reduced to? ou em

(16) In what occasions have those students been excluded? (Em que ocasiões aqueles estudantes foram excluídos?) *What occasions have those students been excluded in?

Biber ainda argumenta que quando uma preposição desacompanhada não está fortemente ligada com a palavra que a antecede, a combinação do interrogativo WH com a preposição funciona como um advérbio:

(17) Who do you have dinner with? (Com quem você janta?)

(18) Which slice do you want the honey on? (Em qual fatia você quer o mel?)

(19) Which ocean is Fernando de Noronha on? (Em qual oceano está Fernando de Noronha?).

A partir dos exemplos citados, concluímos que a relação existente entre as orações interrogativas com WH e as preposições, desacompanhadas ou não, é bastante complexa e apresenta muitas particularidades, pois tanto a gramática quanto o léxico têm um papel muito importante em cada oração. Os autores que mencionamos até agora classificam as PDs sob o ponto de vista da gramática tradicional, embora alguns deles cheguem a citar a gramática gerativa ou a funcional. Eles falam, mais especificadamente, sobre os contextos em que as PDs são usadas, sem apresentar ferramentas que nos ajudem a explicar as restrições que existem no uso das preposições desacompanhadas.

2. ANÁLISE FORMAL DAS PDS

Neste trabalho, estamos considerando como preposições desacompanhadas (SPs) todas as preposições que ficam afastadas de seu sintagma nominal, quando este é deslocado pelo movimento de um elemento WH, como na frase a seguir:

(20) Who are you living with [t]?¹ (Com quem você está morando?)

¹ Usaremos a letra [t] entre colchetes para mostrar a presença do “vestígio” que, segundo Lobato (1986), é um sintagma deslocado transformacionalmente que deixa, na sua posição anterior um vestígio; isto é, um espaço vazio, automaticamente coindexado com esse sintagma.

Hornstein e Weinberg (1981) fazem uma análise sintática bastante detalhada, baseada no trabalho de Van Riemsdijk (1978), acerca das restrições no uso das PDs. Esses autores afirmam que as PDs resultam da operação de três mecanismos: a) uma convenção universal de marcação de caso; b) um filtro universal que bloqueia os vestígios oblíquos; c) uma regra de reanálise sintática específica do inglês.

Hornstein e Weinberg fazem uso da noção de Caso proposta por Chomsky e por Rouveret e Vergnaud, e formulam o filtro universal referido acima: * [SN e], no qual e significa vazio (*empty*). Segundo esse filtro, os vestígios de uma oração que recebem Caso oblíquo são agramaticais. Os autores consideram esse filtro universal e, por isso, ele deveria atuar em todas as línguas naturais. Hornstein e Weinberg afirmam que no domínio do sintagma verbal (SV), um V e qualquer conjunto de elementos que esteja à sua direita pode formar um V complexo. A aplicação desse mecanismo em uma sentença como (21) [S George [SV [V talked] [SP to Paul] [SV [about Ringo.]]] (George falou a Paul sobre Ringo.) poderia resultar nas duas frases a seguir: (22) [S George [SV [V talked to Paul about Ringo.]]] e [S George [SV [V talked to Paul about Ringo.]]]

Esse mecanismo se aplica na base, e a marcação de caso se aplica após a Reanálise, de acordo com as regras a seguir: SN é atribuído [+nom] se for o sujeito de uma oração finita; SN é atribuído [+obj] se for regido por V; SN é atribuído [+obl] se for regido por preposição (P).

Hornstein e Weinberg (1981) apresentam a seguinte sentença para mostrar como funciona a regra de caso: (23) *Who gave a book to Harry?* (Quem deu um livro ao Harry?)

Assim, depois da aplicação das transformações, a sentença acima resultaria em

(24) [S [Who][S[SN1 e] [aux past] [SV[V give] [SN the book] [SP to Harry.]]]] em que *who* e seu vestígio – [SN1 e] receberia o caso nominativo. *The book*, sendo regido pelo verbo *give*, seria atribuído pelo caso objetivo. *Harry*, por sua vez, seria marcado oblíquo, por ser regido pela preposição *to*. Com esses mecanismos, Hornstein e Weinberg obtiveram alguns fatos relevantes sobre as PDs, e ilustram a operação da Reanálise, com o filtro sobre vestígios oblíquos, com sentenças como a abaixo: (25) **What time did Eric leave at* [SN e]? (A que horas o Eric saiu?)

Na frase acima, o vestígio é marcado oblíquo pela regra de marcação de caso. Por esse motivo, o filtro citado pelos autores não aceita a estrutura da frase, e essa é considerada agramatical. Na sentença acima *at what time* é dominada por S, e não pelo SV.

3. METODOLOGIA

Os sujeitos que participaram do nosso estudo são adolescentes e adultos (com idade superior a 14 anos), aprendizes de inglês como língua estrangeira, todos matriculados regularmente em duas escolas de idiomas da cidade de Porto Alegre. Escolhemos essas duas escolas por termos conhecimento de que todos os alunos novos fazem um teste para que não sejam colocados em turmas nas quais possam ficar desnivelados, pois para o nosso estudo é muito importante que os sujeitos estejam no nível mais apropriado para eles. Obviamente, sabemos que o conhecimento dos alunos é bastante variável e que sempre haverá alunos “mais capacitados” e “menos capacitados” dentro da sala de aula. Porém, acreditamos que, pelo fato de os aprendizes se submeterem a testes padronizados de nivelamento orais e escritos, e pelo motivo de as turmas não serem formadas por mais de 15 pessoas, essas escolas têm grupos bastante homogêneos quanto ao nível de proficiência em inglês, tanto no que se refere a conhecimentos gramaticais quanto de vocabulário. A grande maioria dos sujeitos desta pesquisa é composta por estudantes e profissionais de ambos os sexos, todos possuindo, pelo menos, o primeiro grau completo. A população alvo é composta por noventa e três (93) aprendizes, separados em três grupos: a) alunos com conhecimentos básicos; b) alunos com conhecimentos intermediários; c) alunos com conhecimentos avançados.

Para se ter uma ideia um pouco melhor do nível de conhecimento de inglês desses indivíduos, consideramos alunos de nível básico os aprendizes que estavam usando livros *Elementary* e *Pre-Intermediate* (tais como *Reward Elementary* e *Pre-Intermediate*, de Simon Greenall, e *Clockwise Pre-Intermediate*, de Jon Naunton), e que estivessem estudando a língua em cursos livres há mais de um ano. Os alunos de nível intermediário são os que, na maioria das vezes, estudam inglês em cursos livres há pelo menos dois anos. Ainda nesse nível estão pessoas que, embora já tivessem estudado inglês por alguns anos, pararam seus estudos por algum tempo e quando retornaram preferiram revisar seus conhecimentos em um curso intermediário. Os alunos intermediários fazem uso de livros *Intermediate* e *Upper Intermediate*

(tais como *Reward Intermediate* e *Upper-Intermediate*, de Simon Greenall, e *First Certificate Gold*, de Sally Burgess). Os alunos avançados são indivíduos que geralmente estudam inglês há mais de três ou quatro anos e, muitas vezes, já tiveram experiência com o uso da língua em países onde ela é falada como língua materna. No nível avançado, nas ocasiões em que os professores usam livros em sala de aula (tais como *Advanced Masterclass*, de Tricia Aspinall e Anette Capel), esses livros apresentam vocabulário e tópicos gramaticais considerados bastante complexos, muitas vezes com vocabulário específico, como inglês para negócios, turismo, informática, etc.

Os noventa e três sujeitos que foram testados encontram-se assim distribuídos: vinte e oito alunos de nível básico, trinta alunos de nível intermediário e trinta e cinco alunos de nível avançado.

4. INSTRUMENTO

Nosso objetivo principal era induzir os sujeitos a formularem estruturas com *Pied-piping* (PIP)² ou com preposições desacompanhadas (PDs) em contextos interrogativos iniciados por um elemento WH. A atividade consiste em um exercício no qual os alunos deveriam formular perguntas a partir de expressões sublinhadas em frases afirmativas fornecidas no próprio instrumento. Os aprendizes deveriam usar um entre os seguintes elementos WH, em suas perguntas: *Who* (Quem), *What* (Que, O que), *What kind of* (Que tipo de) ou *Which* (Qual, Quais), mas não poderiam usar, de modo algum, os elementos *Where* (onde) e *When* (quando) para substituir as expressões sublinhadas, consideradas o “alvo” das frases-teste. Com o objetivo de ter pelo menos quatro frases para cada estrutura que seria testada, formulamos a atividade com dois questionários diferentes, em termos lexicais. Cada questionário apresenta nove orações, sendo que as duas primeiras são exemplos de como responder a atividade. Há também três orações, em cada um deles, que funcionam somente como *fillers*, para que os sujeitos não se dêem conta da estrutura que estamos avaliando. As quatro frases de cada questionário que realmente nos interessam foram elaboradas de acordo com as duas estruturas que são foco desta pesquisa: a) duas frases com extração de

² Em interrogações com *Pied Piping*, ao contrário das orações com PDs, a preposição fica junto com o sintagma nominal (SN) a que rege como em: *About which matter is he worrying?* (Com qual problema ele está preocupado?)

complemento; b) duas frases com extração de adjunto. As frases-teste utilizadas nas duas atividades foram: Frases com extração de complemento: Questionário A: The little girl played with her friend. (A menina brincou com sua amiga.); I was talking to an old friend. (Eu estava conversando com um velho amigo.) Questionário B: The teacher screamed at the boy wearing a blue cap. (O professor gritou com o menino de boné azul.); Mr. Brown gave a computer to his oldest son. (O Sr. Brown deu um computador ao seu filho mais velho.). Frases com extração de adjunto: Questionário A: Paul likes to visit his aunt Sophia in the summer. (Paul gosta de visitar sua tia Sophia no verão.); Mr. Green likes to look at the sky from the top of the highest hills around the town. (O Sr. Green gosta de olhar para o céu de cima das mais altas montanhas da cidade.) Questionário B: Gary and George always visit their parents on Christmas Day and New Year's Eve. (Gary e George sempre visitam seus pais no dia de Natal e na véspera de Ano Novo.); Mrs. Gates likes the children in her morning class. (A Sra. Gates gosta das crianças da sua aula matinal.) As outras orações (4, 6 e 8) que aparecem no instrumento são os *fillers* e, conseqüentemente, não foram consideradas no nosso trabalho.

No quadro a seguir, indicamos algumas respostas possíveis de acordo com as estruturas consideradas na nossa pesquisa:

Quadro 1: Níveis de extração e respostas possíveis Estruturas testadas	Frases-teste	Respostas possíveis (PD ou PiP)
Complementos	3 e 7	Who did the little girl play with? With who(m) did the little girl play? (Com quem a menina brincou?) Who did the teacher scream at? At Who(m) did the teacher scream? (Com quem o professor gritou?) Who were you talking to?

		<p>To who(m) were you talking? Com quem você estava falando?</p> <p>Who did Mr. Brown give a computer to? To who(m) did Mr. Brown give a computer? (Para quem o Sr. Brown deu um computador?)</p>
Adjuntos	5 e 9	<p>On which occasions do Gary and George visit their parents? (Em quais ocasiões Gary e George visitam seus pais?)</p> <p>In which season does Paul like to visit his aunt Sophia? (Em qual estação Paul gosta de visitar sua tia Sophia?)</p> <p>From which place does Mr. Green like to look at the sky? (De que lugar o Sr. Green gosta de olhar para o céu?)</p> <p>In which class does Mrs. Gates like to have the children? (Em qual aula a Sra. Gates gosta de ter as crianças?)</p>

Fonte: Elaborado pela autora

As expressões sublinhadas nas frases-teste indicam o alvo da pergunta, isto é, a expressão que deve ser substituída por um constituinte ao lado das frases com adjunto. Ainda foi colocada uma palavra que auxiliava o aluno a formular as perguntas usando *Which* (Qual, quais) ou *What* (O que) a fim de auxiliá-lo a evitar *Where* (onde) e *When* (quando).

6. CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS

Como já comentado anteriormente, a atividade proposta tinha o objetivo de fazer com que os aprendizes formulassem perguntas utilizando um elemento WH que substituísse as expressões sublinhadas nas frases dadas. Todas as frases – menos os *fillers* – forneciam contextos para o uso de PDs, de PiP (nesse caso, o sintagma nominal é adjunto) ou de outros tipos de interrogação que nos mostraria, de certa forma, o nível de conhecimento de inglês desses indivíduos. Para uma frase como a número 3, do questionário B, repetida abaixo, o sujeito poderia utilizar tanto uma pergunta com PD como com PiP para obter uma frase considerada gramatical:

The teacher screamed at the boy wearing a blue cap.

Who did the teacher scream at? (PD) ou

At who(m) did the teacher scream? (PiP)

(Com quem o professor gritou?)

Em uma frase como a número 5, do questionário A, por sua vez, o sujeito não poderia, em princípio, usar uma estrutura com PD, pois segundo Hornstein e Weinberg (1981), sempre devemos usar a preposição no início das perguntas (PiP). Vejamos a resposta gramatical com PiP:

Paul likes to visit his aunt Sophia in the summer. (season)

In which season does Paul like to visit his aunt?

(Em qual estação Paul gosta de visitar sua tia?)

*Which season does Paul like to visit his aunt in?

(*Qual estação Paul gosta de visitar sua tia em?)

Tanto no caso das frases-teste envolvendo estruturas preposicionais com adjuntos quanto no caso das com complementos, esperávamos que alguns alunos apagassem as preposições, como nos exemplos a seguir, ainda referentes às frases 3 e 5:

*Who did the teacher scream?

(*Quem o professor gritou?)

?? Which season does Paul like to visit his aunt Sophia?

(?? Que estação o Paulo gosta de visitar sua tia Sophia?)

Entendíamos que respostas com apagamento ocorreriam não só por termos ouvido estruturas como essas por parte dos alunos em sala de aula, mas também porque houve muitos casos de apagamento de preposição na pesquisa realizada por Barros da Silva (2002), o que foi justamente uma das motivações do presente trabalho. Ainda ocorreram outras respostas consideradas por nós como “estratégias alternativas experimentalmente motivadas” porque são estruturas com as quais os sujeitos evitam usar preposições desacompanhadas ou *pied-piping*, conscientemente ou não. Vejamos algumas respostas para as frases 3 e 9 do questionário A:³

The little girl played with her friend. – Who was the person playing with the little girl? (Quem era a pessoa brincando com a menininha?)
Mr. Green likes to look at the sky from the top of the highest hills around the town. – What’s Mr. Green’s favorite place to look at the sky? (Qual é o lugar preferido do Sr. Green para olhar o céu?)

Em 3, o sujeito fez uso do fato de que *play with* é um predicado reversível, e, em 9, o sujeito recorreu a uma paráfrase, transformando o adjunto regido em um sujeito, evitando assim o problema da interrogação com preposição.

Além das respostas em que o alvo foi interrogado corretamente, através do uso de PDs, PiP, das “estratégias alternativas” e do apagamento de preposição, ainda houve muitas respostas que “fugiam” totalmente do alvo a ser questionado, como por exemplo “Who likes to visit aunt Sophia?” (Quem gosta de visitar a tia Sophia?) para a frase “Paul likes to visit his aunt Sophia in the summer.” Também ocorreram algumas respostas em branco, principalmente no grupo básico. Esses dois últimos tipos de respostas foram classificados como “irrelevantes” para a nossa pesquisa por não interrogarem o alvo pedido no exercício e, portanto, por não oferecerem qualquer informação particular sobre as estruturas em teste.

Exemplificamos abaixo os quatro tipos de respostas encontrados com frases produzidas pelos sujeitos para a frase-teste 7 do questionário B.

³ Por motivo de espaço, não estamos avaliando as respostas consideradas como de estratégias alternativas neste artigo.

- Mr. Brown gave a computer to his oldest son. (O Sr. Brown deu um computador para seu filho mais velho.)

a) Interrogação do alvo com PD: - Who did Mr. Brown give a computer to? (Para quem o Sr. Brown deu um computador?)

b) Interrogação do alvo com PiP: - To who(m) did Mr. Brown give a computer? (Para quem o Sr. Brown deu um computador?)

c) Interrogação do alvo com apagamento de preposição: -*Who did Mr. Brown give a computer? (*Quem o Sr. Brown deu um computador?)

d) Respostas em branco ou “irrelevantes” para nosso estudo: - What did Mr. Brown give to his son? (O que o Sr. Brown deu para seu filho?)

No quadro abaixo, encontramos os resultados brutos (em número de ocorrências) dos vários tipos de respostas encontrados, separados por estrutura (complemento e adjuntos) e por nível de conhecimento de inglês (básico, intermediário e avançado).

		BÁSICO	INTERMEDIÁRIO	AVANÇADO
		Respostas	Respostas	Respostas
Preposição Desacomp.	Complemento	10	15	37
	Adjunto	2	3	6
Pied-Piping	Complemento	2	9	6
	Adjunto	1	12	18
Apagamento de Preposição	Complemento	23	19	7
	Adjunto	34	35	30
Irrelevante ou em Branco	Complemento	14	6	5
	Adjunto	17	8	6
Total de Respostas		103	107	115

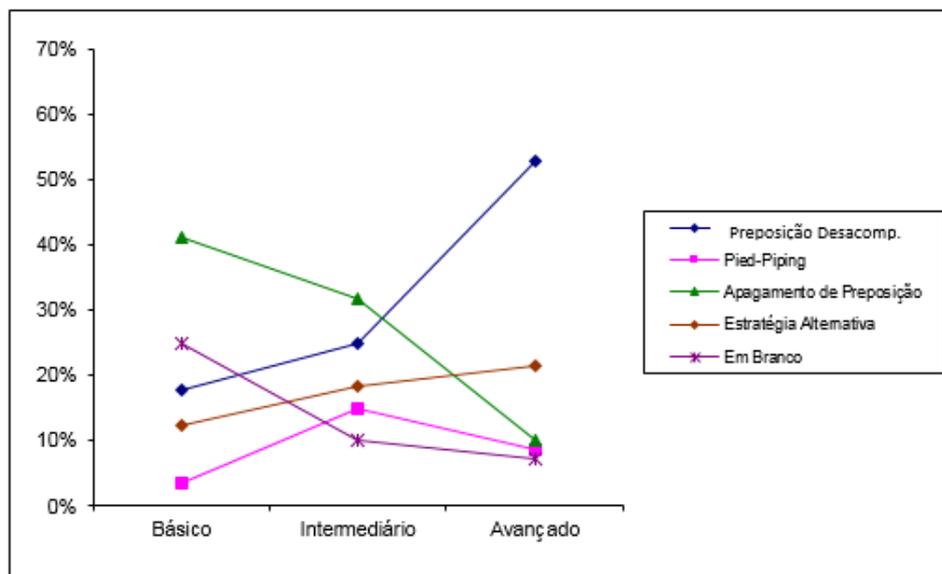
Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, discutiremos os resultados acima obtidos, tanto a partir da perspectiva da evolução ao longo dos níveis e das respostas por estrutura – isto é, como as respostas com estruturas com complementos e com adjuntos evoluem ao longo dos níveis –, quanto por tipo de resposta, quer dizer, como as diferentes estratégias de respostas evoluem ao longo dos níveis.

Com o objetivo de vermos os resultados da pesquisa sob um ângulo diferente, descreveremos a seguir, sucintamente, como os três tipos de respostas avaliados se comportam com cada uma das duas de estruturas em questão: estruturas com complementos e estruturas com adjuntos. Dessa forma, poderemos ter uma melhor ideia de como os cinco tipos de respostas evoluem nos contextos com essas estruturas.

6. EVOLUÇÃO DOS DIFERENTES TIPOS DE RESPOSTA COM COMPLEMENTO

Observemos a figura abaixo que mostra as linhas evolutivas dos diferentes tipos de respostas com estruturas com complemento, separados pelos três níveis de conhecimento (básico, intermediário e avançado):



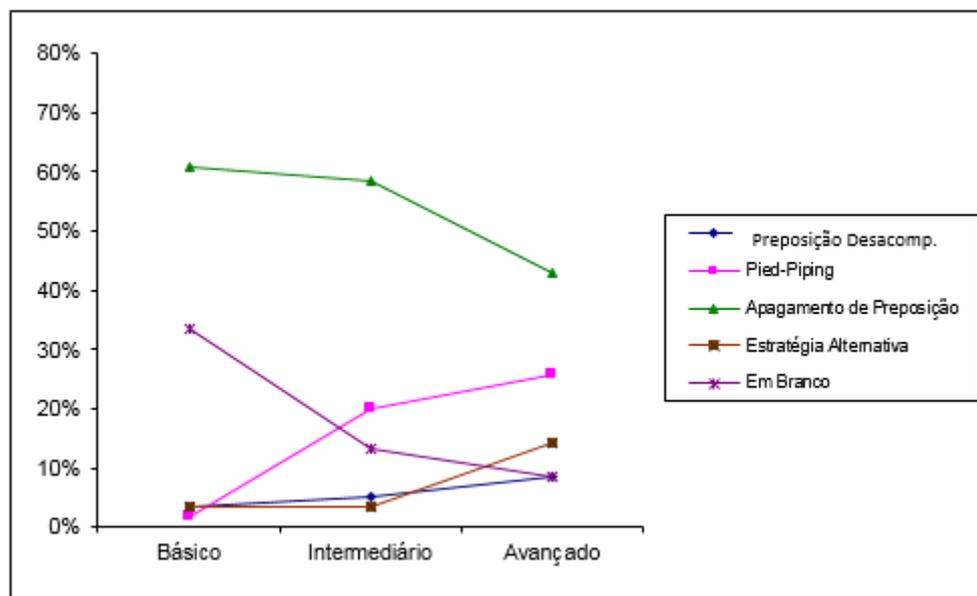
Fonte: Elaborado pela autora

Como esperado por nós, a PD é a estratégia preferida pelos aprendizes avançados nas estruturas com complemento. Principalmente a partir do nível intermediário, os aprendizes passam a preferir o uso das PDs ao uso do apagamento de preposição, mostrando estarem se “conscientizando” que o apagamento de preposição é agramatical para esse tipo de estrutura. Como *pied-piping* é a única estratégia possível para interrogativas com complementos em português, imaginávamos que um número expressivo de aprendizes optaria por esse tipo de resposta. Entretanto, como observamos na figura acima, essa não é, de forma alguma, a estratégia preferida pelos sujeitos, pois, à medida que a curva do PiP desce, a curva das PDs

sobe drasticamente. Parece que, no nível intermediário, os aprendizes “refletem” sobre qual estratégia devem usar; quer dizer, é provável que os alunos básicos não tenham ainda noção de que, em inglês, usamos preposições desacompanhadas em certos contextos interrogativos. Porém, a maioria deles deve saber usá-las em perguntas comuns como “Where are you from?” (De onde você é?).

7. EVOLUÇÃO DOS VÁRIOS TIPOS DE RESPOSTA COM ADJUNTO

Na figura a seguir, observemos os cinco tipos de respostas com as estruturas com adjuntos, separados por níveis de conhecimento.



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme a literatura (Hornstein e Weinberg, 1981), não é possível usarmos PDs em interrogativas com estruturas de adjunto (como em: **Which season do you like visiting your parents in?*), por isso, esperávamos que os aprendizes, por razões universais, evitassem o uso de PDs e usassem, preferencialmente, as preposições no início das interrogações (PiP). Nossos resultados mostraram que os alunos dos três níveis tiveram pouca frequência de uso das PDs nesses contextos, e que preferiram a estratégia do apagamento de preposição em todos os níveis, ao invés do uso de PiP. Não podemos esquecer de observar também que, embora as frequências do uso de PiP não tenham chegado a 30% em nenhum nível de conhecimento, à

194

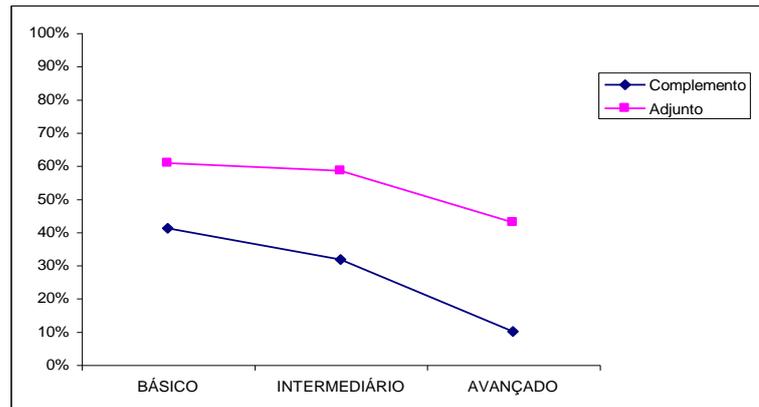
medida que essa frequência sobe, a frequência do apagamento desce, principalmente nos níveis intermediário e avançado.

Na verdade, a alta frequência de uso do apagamento, até mesmo nos níveis intermediário e avançado, não deixa de ser um resultado surpreendente, pois esse tipo de estrutura é considerado “ilícito” na gramática universal (Klein, 1995, 2001).

8. ESTRATÉGIAS NO USO DE APAGAMENTO DE PREPOSIÇÃO

Como já mencionado neste trabalho, esperávamos que a ocorrência de apagamento de preposições em interrogativas, tanto nas estruturas com complemento como nas estruturas com adjuntos, se apresentaria de forma bastante expressiva, embora, segundo alguns autores, não possamos considerar seu uso gramatical em inglês (Klein, 1995, 2001; Tarallo, 1983). Porém, por ter havido pesquisas anteriores (Quintero, 1992; Barros da Silva, 2002) nas quais o apagamento de preposições foi uma estratégia bastante utilizada por aprendizes de inglês como L2, esperávamos que essa estratégia novamente se manifestasse em nossa pesquisa. Aliás, na pesquisa de Quintero, a autora considera o apagamento de preposição como um estágio inicial pelo qual os aprendizes passam antes de conseguirem usar as PDs corretamente. Na pesquisa de Barros da Silva houve alta frequência de apagamento de preposição com adjuntos e também com complementos; com complementos, houve um decréscimo no uso dessa estratégia ao longo dos níveis de aprendizagem (entre 60% no nível básico e 30% no nível pré-avançado) e com adjuntos as frequências de apagamento subiram ao longo dos níveis de aprendizagem (variam entre 50% no nível básico e 70% no nível pré-avançado).

No gráfico a seguir temos a ilustração dos resultados do uso de apagamento de preposição, obtidos por nossa pesquisa:



Fonte: Elaborado pela autora

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar alguns fatores que pudessem influenciar negativa ou positivamente a aprendizagem das preposições desacompanhadas do inglês por aprendizes brasileiros. Enfatizamos, também, que no português, assim como na maioria das línguas naturais, estruturas com PDs não acontecem, pois, nessas línguas, a preposição deve sempre acompanhar um sintagma nominal. Por esse motivo, esperávamos que os aprendizes transferissem o uso do PIP para as interrogativas, tanto com estruturas de complemento como de adjunto.

Por outro lado, esperávamos que os problemas relacionados à aquisição das PDs em interrogativas pudessem ter alguma relação com os “estágios desenvolvimentais”, com base nos princípios de aprendizagem apresentados na pesquisa de Quintero (1992), na qual ela mostrou que os aprendizes passam por etapas em que inicialmente apagam as preposições e, somente mais tarde, adquirem estruturas mais complexas fazendo uso das PDs.

Embora haja várias críticas para as teorias expostas na pesquisa de Hornstein e Weinberg (1981), esperávamos também encontrar evidência de um “filtro universal”, e que, por causa desse filtro, os aprendizes evitassem o uso de PDs com estruturas de adjuntos.

Conforme vários autores (Cook, 1991; Towell e Hawkins, 1994; Klein, 1995, entre outros), os aprendizes de L2 fazem transferência de valores paramétricos da L1, principalmente nos níveis iniciais de aprendizagem. Os resultados de nossa pesquisa mostraram, entretanto, que os sujeitos da pesquisa evitaram, em sua maioria, o uso de *pied-piping* em estruturas com complementos, usando essa estratégia em estruturas com adjuntos. Por esse motivo, talvez o uso de PiP com adjuntos possa ser explicado pela teoria de Hornstein e Weinberg (1981), que diz que um aprendiz de inglês como L2 pode prever, por um “filtro universal”, que não é permitido o uso de PDs com SPs adjuntos.

Os resultados acerca do uso de PDs corresponderam às nossas expectativas: essa foi a estratégia preferida para estruturas com complementos dos alunos avançados (52,76%), e de um número significativo de alunos intermediários (25,00%). Com esses resultados, é possível afirmar que os alunos começam a usar as PDs em interrogativas durante o nível intermediário e, no avançado, passam a utilizá-la com maior frequência. Na verdade, achamos pouco provável que os professores ensinem, quer dizer, façam exercícios e explicitem no quadro da sala de aula, por exemplo, o uso dessa estrutura durante o curso básico, que tem duração aproximada de dois anos na maioria dos cursos livres. É claro que seria ingênuo de nossa parte pensarmos que encontraríamos respostas finais para o problema da aquisição de PDs por falantes de Português Brasileiro (PB), mas talvez possamos traçar um paralelo com a explicação dada pelos teóricos da gramática universal. Segundo Towell e Hawkins (1994), como as PDs são resultado de um valor paramétrico marcado que existe em muito poucas línguas, um falante de uma língua como o PB precisará descobrir essa estrutura diferente da sua língua nativa, e então terá que fixar esse novo parâmetro. Nesse caso, por as PDs serem consideradas estruturas marcadas (French, 1985; White, 1987), os aprendizes podem ter maior dificuldade em adquiri-las.

É bem possível que haja, por outro lado, uma relação do problema da aquisição das PDs com a “pobreza de estímulo”, problema que se apresenta, tanto na aprendizagem da L1 como da L2: será que as preposições desacompanhadas estão “aparecendo” suficientemente no *input* recebido pelos aprendizes nas circunstâncias normais de ensino em cursos livres no Brasil? Pensamos que, muitas vezes, até mesmo os professores podem estar evitando o uso de PDs em interrogativas, ou, ainda, como muitos aprendizes, estão também apagando preposições. Na opinião de White (1987), por exemplo, o aprendiz só conseguirá adquirir uma

estrutura marcada como as PDs se tiver evidência positiva no *input*. Para ela, a definição de marcação leva em conta fatores psicológicos, além de ser considerada uma hipótese desenvolvimental; isto é, os aprendizes adquirem primeiro as formas não marcadas e depois as marcadas.⁴ No caso dos aprendizes de PB, que apresentam altas frequências de apagamento, especialmente com adjuntos, poderíamos dizer que apagar a preposição é uma estrutura não marcada em L2? Aqui é importante percebermos que o apagamento permanece com alta frequência (42%) mesmo com alunos avançados, cuja gramática, presumimos, já se organiza dentro do que é permitido pela Gramática Universal.

Sob outro ponto de vista, Quintero (1992) considera que estudos de aquisição de PDs baseados em teorias da GU são insatisfatórios - como o de Bardovi-Harlig (1987) -, por se basearem excessivamente em julgamentos gramaticais e não levarem em conta as estratégias de aprendizagem. Para ela, a teoria da aprendizagem tem explicações mais convincentes que as encontradas na teoria da gramática universal porque explicam as hipóteses iniciais do aprendiz, os estágios desenvolvimentais pelos quais o aprendiz passa para aprender certa estrutura, e de que modo certas generalizações ocorrem. Para Quintero, as estratégias de aprendizagem “continuidade”, “conservadorismo” e “desenvolvimento acumulativo” predizem que os estágios iniciais de aquisição de PDs serão caracterizados pelo apagamento de preposição e, evidentemente, nossos resultados e também os de Barros da Silva afirmam essa predição. Entretanto, como Quintero explicaria a alta frequência de apagamento em estruturas com adjuntos nos níveis avançados?

Também podemos tentar explicar alguns fatores da aquisição das PDs a partir do princípio do subconjunto. Lembremos que autores como Towell e Hawkins (1994) afirmam que esse conceito é superior ao conceito de marcação, por não ditar uma fixação “natural” dos parâmetros; quer dizer, diferentemente da marcação, não há uma ordem “natural” a qual os aprendizes devam seguir quando adquirem uma estrutura em L2. Gramáticas que possuem somente PiP (como o PB) são um “subconjunto” das gramáticas que possuem tanto PiP como PD (como o inglês). Esse “subconjunto” (PiP) é o valor não marcado do parâmetro e não precisa de evidência positiva para ser adquirido. Gramáticas com PD e PiP são um “superconjunto” e, por isso, é necessário que haja evidência positiva para a aquisição das PDs. Portanto, se

⁴ Para maiores detalhes sobre o que são estruturas marcadas e não-marcadas, ver Mazurkewich, 1995.

entendermos que apagamento de preposição é uma estrutura marcada - por não ser uma estratégia regular em muitas línguas -, como explicamos o fato de ser a estratégia preferencial, especialmente nos níveis iniciais de aquisição de L2? Isso não indicaria que é, realmente, resultado de estratégia de aprendizagem, como sugere Quintero? Como já dito, esperávamos que os aprendizes transferissem o uso de PiP, por ser a única alternativa gramatical em PB, porém, o uso de PiP não foi de forma alguma a hipótese inicial dos aprendizes: no nível básico, por exemplo, essa opção não chegou a 4%.

Parece-nos que o resultado mais surpreendente de nossa pesquisa, e também da pesquisa de Barros da Silva, foi a alta frequência de apagamento de preposição em todos os níveis de aprendizagem. Entretanto, embora o apagamento tenha sido a estratégia mais usada, os sujeitos mostraram nitidamente que vão tomando consciência de que essa é uma estratégia não gramatical em inglês, pois o apagamento tem curva descendente tanto com complementos quanto com adjuntos. Entendemos que esse resultado se deve à uniformidade dos sujeitos pesquisados.

Esperamos que outros estudos sejam feitos acerca de fenômenos linguísticos tão interessantes como a aquisição das preposições desacompanhadas por falantes de PB, e também sobre o provável apagamento de preposições em interrogações do inglês, do português e de outras línguas.

REFERÊNCIAS

ASPINALL, T.; CAPEL, A. *Advanced Materclass: CAE*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1996.

BARDOVI-HARLIG, K. Markedness and salience in second language acquisition. *Language learning*, 27, p.305-407, 1987.

BARROS DA SILVA, B. E. *A aquisição de preposition stranding em contextos interrogativos em inglês como L2: um estudo com aprendizes brasileiros*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BIBER, D. *Grammar of spoken and written English*. Londres: Longman, 1999.

BURGESS, S. *First certificate gold*. Harlow, Inglaterra: Longman, 2000.

COOK, V. *Second language learning and language teaching*. Londres: Edward Arnold, 1991.

FRENCH, M. Markedness and the acquisition of pied-piping and preposition stranding. *Mc Gill working papers in linguistics*, v.2, nº1, p.131-144, 1985.

GREENALL, S. *Reward (Elementary, Intermediate, Upper-Intermediate)*. Oxford, UK: Heinemann, 1996.

HORNSTEIN, N.; WEINBERG, A. Case Theory and preposition stranding. *Linguistic Inquiry, MIT*, v. 12, n. 1, p. 55-91, 1981.

KLEIN, E. Evidence for a wild L2 grammar: when PPs rear their empty heads. *Applied Linguistics*, v.16, p.88-117, 1995.

_____. (Mis)construing null prepositions in L2 intergrammars: a commentary and proposal. *Second Language Research*, v.17,1, p.37-70, 2001.

LOBATO, Lúcia M. P. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MAZURKEWICH, I. Syntactic markedness and language acquisition. *Studies in second language acquisition*, 7, 15-36, 1995.

NAUTON, J. *Clockwise pre-intermediate*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2000.

QUINTERO, K. W. Learnability and the acquisition of extraction in relative clauses and WH-questions. *Studies in Second Language Acquisition*, Cambridge, MA: Cambridge University Press, v. 14, p. 30-70, 1992.

TARALLO, F. L. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Pensilvânia, Pensilvânia, 1983.

TOWELL, R., HAWKINS, Roger. *Approaches to second language acquisition*. Bristol, UK: Multilingual Matters, 1994

VAN RIEMSDIJK, R. *A case study in syntactic markedness: the binding nature of prepositional phrases*. Lille, The Netherlands: de Ridder, 1978.

WHITE, L. Markedness and second language acquisition: the question of transfer. *Studies on Second Language Acquisition*. Cambridge, MA: Cambridge University press, n.9, p. 261-286, 1987.

Rosi Ana GRÉGIS

Possui mestrado (2003) e doutorado (2007) em Letras - Linguística Aplicada - pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou período de estudos - Doutorado Sanduíche - na Universidade de Essex, Reino Unido, sob a orientação do professor Roger Hawkins, com bolsa da Capes, em 2007.

Recebido em maio/2016 - Aceito em setembro/2016